

## A POESIA PURA DE JOSÉ ALBANO

**Pe. Francisco Sadoc de Araújo**

José Albano (1882-1923) é indiscutivelmente o maior poeta cearense e um dos maiores de quantos escreveram em língua portuguesa. Infelizmente, já na transcorrência do ano centenário de seu nascimento e decorridos sessenta anos de sua morte, a riqueza literária de seus versos continua oculta e esquecida de grande maioria de seus conterrâneos.

Se os restos mortais do grande poeta jazem deslembados na solidão do cemitério de Montauban, na inconsciência dos franceses, seu espólio literário jaz esquecido no arquivo morto da memória nacional por desprezo imperdoável dos patrícios. Estes delitos públicos de lesa cultura estão a exigir urgente reparação.

É bem verdade que, à primeira vista, sua produção poética parece hermética, arcaica e desorada, mas à medida em que a mente e o coração do leitor começam a se abrir pela chave guardada no cofre interior de sua lira, descobre-se o sempre atual e mavioso encanto de sua voz de profeta, o murmúrio comovente de sua prece mística e o tocante feitiço de sua alma de artista da palavra.

José Albano estava consciente da singularidade de sua inspiração e por isso dedicou toda sua obra poética a si mesmo a às musas (ἐμοί καὶ μῦσαι). A dedicatória escrita em grego revela que tinha consciência do que somente ele mesmo e as pessoas sensíveis à poesia clássica e à mística cristã estariam em condição de compreendê-lo.

Cristo, que ensinou o ideal de moralidade a mais elevada já saída de lábios humanos e manifestou por gestos e sinais ser a realização de Deus corporizado em forma humana, tor-

nou-se o modelo para sua alma inquieta pelo desejo de perfeição. O anúncio da mensagem cristã das bem-aventuranças que revela um sentido eterno para este mundo e ensina que a felicidade é daqueles que choram e praticam a misericórdia que o supremo bem é o amor desinteressado e que a vida se prolonga para além da morte, repercutiu profundamente em sua alma iluminada de fé e coloriu de mística toda sua poesia.

Camões, por outro lado, modelo dos poetas, genialidade maior da língua portuguesa, lhe pareceu a estrela mais brilhante do céu da literatura imortal, cuja luz escolheu para aclarar seu caminho errante de artista. Apaixonou-se de corpo e alma pelo lírico das "Rimas", cujas redondilhas imitou, pelo mestre dos "Sonetos", cujas lições procurou aprender; pelo dramaturgo dos "Autos de Filodemo e dos Anfitriões", cuja urdidura de cenas soube assimilar; pelo épico dos "Lusíadas" cujo, estilo soube tão perfeitamente incorporar.

Porque inspirados no amor de Cristo e no estro de Camões, os versos de José Albano possuem "suave a letra e angélica a soada" (Lusíadas 9,30) e "valem por músicas visíveis ou por sonhos palpáveis, versos tão brandos como o vôo das névoas". (Agridino Grieco).

### **Peregrino do Absoluto**

Como Léon Bloy, José Albano se fez um peregrino do Absoluto e sua peregrinação teve um destino certo: a busca incansável da perfeição na poesia pura e na vida espiritual. Por isso, somente os poetas e os místicos poderão compreendê-lo em plenitude. A nós outros, simples mortais, cabe apenas admirá-lo nos limites pessoais de nossa participação destas duas grandezas do espírito.

Por intuição penetrante de seu talento, descobriu dois modelos de perfeição: a santidade de Cristo e a poesia de Camões. Duas metas sublimes em direção das quais procurou encaminhar incansavelmente seus passos de peregrino.

Descobriu também o poeta cearense que a perfeição da poesia, apesar de tão elevada e tão pura, é terrena e limitada, enquanto a perfeição da santidade, apesar de iniciada neste

mundo, é capaz de transcender os limites do tempo e do espaço para se tornar infinita no absoluto da eternidade. A perfeição relativa da poesia deve ser completada pela suprema perfeição da mística. Toda sua vida e toda sua obra são marcadas pela busca dialética desta superação.

A poesia, mesmo a de Camões, é perfeição relativa e não pode preencher todos os vazios da alma humana. Estes, preenche-os plenamente somente a experiência dos místicos.

### **Poesia pura e mística**

A poesia pura, por ser essencialmente uma plenitude da intuição estética, manifestada na mais elevada inspiração lírica e expressa na totalidade da experiência espiritual do homem, é a mais próxima vizinha da contemplação mística e da comunhão com Deus. Embora distintas, poesia e mística nascem do mesmo centro da alma e se alimentam do mesmo mistério da contemplação. A poesia é a alma interior das artes e a mística é arte interior das almas.

O místico encontra a criação já feita e nela apenas se delicia sentindo a presença amorosa do Criador. O poeta cria o poema e participa assim do ato da criação tornando-a mais bela aos olhos do homem. Ambos se abrem para o Absoluto mas só o místico o alcança.

A mística é o silêncio aberto à palavra e a poesia é a palavra aberta ao silêncio. Ambas se colocam em tensão dialética entre o silêncio e a palavra. O poeta escuta a palavra das coisas e a manifesta ao silêncio dos homens. O místico escuta a Palavra de Deus e a guarda no silêncio de sua contemplação. Eis a razão por que somente o poeta místico pode captar a plenitude do ser na nudez e pureza de seus aspectos transcendentais de unidade, verdade, bondade e beleza, as quatro pilastras do êxtase estético.

Embevecidos pela suprema pulcritude do ser assim percebida, o poeta começa a falar e o místico começa a contemplar. Da mesma fonte, nasce a poesia pura e brota a suprema oração. O poeta místico José Albano bebeu sua inspiração nesta nascente cristalina.

No soneto de sua predileção, o primeiro que transcreveu na “Antologia Poética”, descreveu ele, em resumo biográfico, o itinerário do peregrino errante a caminho da superação do poeta imperfeito, que foi, pela esperança mística do santo perfeito que desejava ser:

“Poeta fui e do áspero destino  
Senti bem cedo a mão pesada e dura,  
Conheci mais tristeza que ventura  
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino  
Que tanto engana, mas tão pouco dura;  
E inda choro o rigor da sorte escura,  
Se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento  
Dos sonhos que sonhava noite e dia,  
E só com saudades me atormento.

Entendo que não tive outra alegria  
Nem nunca outro qualquer contentamento,  
Senão de ter cantado o que sofria.”

Se é verdade que ser apenas poeta não faz o homem cantar senão sonhos irrealizáveis ou sujeição a um ideal que tanto engana mas tão pouco dura, no entanto, a condição humana, mesmo penosa, será superada pela inserção no puro amor de Cristo e na mística esperança de ser eternamente amado. É esta a temática dos demais sonetos, dos dez por ele escolhidos na “Antologia”, cuja síntese é maravilhosamente expressa no último:

“Se amar é procurar a coisa amada  
E unir duas vontades num desejo,  
Se é ressentir um mal tão benfazejo  
Que tanto mais tortura, mais agrada;

Se amar é sofrer tudo por um nada  
E a um tempo achar que é pouco e que é sobejo,  
Já claramente agora entendo e vejo  
Que não há quem de amor me dissuada.

Ó doce inquietação e doce engano,  
Doce padecimento e desatino  
De que não me envergonho, antes me ufano

Comigo quantas vezes imagino:  
Se é tão doce na terra o amor humano,  
Que não será no Céu o amor divino?!

Ao ler estes sonetos, como os outros quase trinta que produziu, sente-se que o tema é cristão e a forma, camoneana. A linguagem, como sempre, é extremamente clássica. Como perfeição de forma, os sonetos de José Albano em nada são inferiores aos quase trezentos atribuídos, com alguma segurança, ao vate português. Digo “com alguma segurança”, porque é lamentável observar que os portugueses ainda não saíam com certeza quais foram os poemas de que Camões foi autor, e isto, decorridos mais de quatro séculos de sua morte.

Não parece hiperbólica a afirmação de Tristão de Ataíde quando diz que os sonetos de José Albano são seguramente “dos mais belos que jamais foram escritas em nossa língua e mesmo em qualquer língua humana”, pois representam um imenso drama interior, uma incomparável realização de poesia pura.

O restante de sua produção exige, para a sua reta interpretação, uma espécie de chave que nos permite abrir os olhos para uma óptica de exegese em que são nítidas três perspectivas: a leitura de palimpsesto, a visão sacramental e o paralelismo hebraico.

### **Leitura de palimpsesto**

Leitura de palimpsesto é hoje um conceito largamente aceito, na Teoria da Intertextualidade da moderna crítica literária, como instrumento para penetrar na análise profunda de

qualquer texto de literatura. A raspagem de um palimpsesto, por mais acurada que seja, não destrói completamente escrita anterior sobre a qual se superpôs uma outra. Leitura de palimpsesto é, portanto, aquela que permite ler no texto atual um texto antecedente menos nítido.

Foi com essa técnica que Luis Busatto descobriu, por exemplo, a montagem da “Invenção de Orfeu” de Jorge de Lima, a partir de fragmentos das quatro maiores epopéias ocidentais. O grande poeta alagoano, em sua obra maior, transcreve versos de Virgílio, Dante, Camões e Milton, encontrados ínteirinhos sob o intertexto do poema. Quem assim propositamente escreve, ao mesmo tempo inscreve. Somente o leitor bem informado pode perceber o texto inscrito pelo poeta, propositamente, no “intensíssimo poema onde outros se entrelaçam”.

A leitura de palimpsesto descobre Petrarca em Camões, Homero em Virgílio, tradições mesopotâmicas no Pentateuco, como também descobre o versejar de Camões e a lição de Cristo em tudo o que escreveu José Albano. Esquecidos desta realidade, alguns críticos, superficialmente posicionados, quiseram tachar de plágio ou pasticho muitas produções literárias de valor produzidas por uma talentosa intuição metapoética aberta a outras culturas, em que valores duradouros são revividos pela provocação atual do interesse do leitor por um tema eterno, cuja garantia de permanência deve ser assegurada continuamente nas obras literárias.

Olhados por esta perspectiva, muitos poemas de José Albano que aparentemente seriam herméticos ou arcaicos, tornam-se diáfanos e permanentemente atualizados. A “Alegoria” deixa transparecer o histórico do descobrimento do Brasil, como a “Comédia Angélica” transparenta o drama humano da existência.

Analisado superficialmente, sem a leitura de palimpsesto e com o intuito de enquadramento em escola literária, o poeta cearense, para o olhar oblíquo dessa crítica míope, parece “um contemplativo das ruínas da literatura clássica” ou “um exilado do século XVI” (Agripino Grieco), “o mais alienado dos nossos poetas no tempo e no espaço” (Otto Maria Carpeaux), “um

retardatário do parnasianismo” (Assis Brasil), “figura simples, inclassificável, que se refugiou num cultismo fora de época” (Nelson Werneck Sodré), “um dos raros, em todos os sentidos da palavra” (Wilson Martins), “inteiramente fora dos quadros da poesia brasileira” (Manuel Bandeira), “mais português do Renascimento do que brasileiro do século XX” (Braga Montenegro). Apesar da grandeza de seus nomes, esses críticos não chegaram a penetrar no âmago da poesia de Albano. Bem diferente é o testemunho de Tristão de Ataíde, que percebeu lucidamente que o poeta cearense criou “uma poesia intemporal, inespacial, realmente eterna em sua pureza intangível”. José Albano é uma espécie de Fernando Pessoa no heterônimo de Ricardo Reis.

### **Visão sacramental**

Para compreender a poesia mística, em particular, não bastará a leitura de palimpsesto que apenas descobre o texto inscrito no texto escrito. É mera transposição de texto para texto, ambos imanentes aos limites da arte literária. O místico se relaciona também com realidades de uma outra dimensão, a transcendência. Esta, embora intensamente vivida neste mundo, não pode aparecer em si mesma, mas somente se revela encoberta sob os véus e sinais das aparências em que se transforma.

O sinal é a mediação necessária para que a transcendência se imanente e se coloque ao alcance da compreensão do homem. Sempre que uma realidade imanente, sem deixar de ser mundo, evoca uma outra, aquela se torna um sinal desta. E quando a realidade evocada é transcendente ou sagrada, então o sinal se torna sacramental. Em toda e qualquer poesia mística, o texto é sempre sacramental, por ser sinal de realidades sagradas vividas pelo poeta.

O sacramento é a suprema perfeição do sinal, porque conjuga duas realidades opostas: uma imanente e outra transcendente. Ambas estão de tal modo interagindo entre si, que a realidade opaca da imanência se torna uma diafania da transcendência. Entre outras palavras, o mundo reflete a presença de Deus. Ter visão sacramental é descobrir o divino revelado

na diafania do mundo. É um olhar de fé, cuja plenitude somente pode ser possuída pelo místico cristão, como tão bem intuiu e descreveu a perspicácia genial de Bergson.

A mística não é atitude alienada ou beata ingenuidade, mas profunda experiência da vida humana, inserida não somente no interior da consciência ou no âmago da história, mas também na participação intensa do infinito amor de Deus no rumor da prece. Ela permite viver o amor universal, absoluto, “a mais intensa forma que a energia espiritual pode revestir”, na expressão de Teilhard de Chardin, e a “única maneira completa e final com que podemos amar”.

A poesia mística, nos domínios da arte, é a manifestação mais profunda da visão sacramental. Não é o conteúdo religioso, mas a vivência cristã que o poeta transmite, que torna sacramental o poema. Daí a razão por que, mesmo intitulado-se “autos sacramentais”, não é necessária visão sacramental para compreender a dramaturgia de Calderón de la Barca ou Gil Vicente, para citar apenas dois clássicos. Poesia mística, sim, e não apenas religiosa, é a “Loa para a Comédia Angélica”, em que o autor se faz peregrino, personagem principal do enredo, dialogando com a Fé, a Esperança e a Caridade na catedral interior da experiência pessoal da oração, ouvindo coros de pastoras e fiéis que cantam louvores a Deus e à Virgem Maria, indiferentes à prosaica disputa entre a Descrença e a Razão.

A fé, esclarecida e experimentada, traz ao peregrino um sentimento de paz e inspira-lhe o ato de adesão incondicional:

“É já passado o meu engano cego  
E a ti, Virgem de Lourdes, eu me entrego,  
Para que cesse o meu viver sombrio,  
Que em ti somente creio e em ti confio”.

Sem a “leitura de palimpsesto” é impossível compreender a poesia clássica de José Albano, como sem a “visão sacramental” não é possível penetrar sua poesia mística.



## Paralelismo hebráico

Assíduo leitor da Bíblia, José Albano assimilou a mensagem e a forma da poesia hebráica, principalmente dos Salmos, do Cântico dos Cânticos e dos Provérbios, os três livros sagrados totalmente escritos em versos. Parte considerável de sua produção compreender-se-á melhor pelo conhecimento das regras específicas da arte poética dos antigos hebreus.

Sabemos que o hebráico não é um idioma rico, já que composto de termos concretos, de palavras sintéticas bem formadas e de sons imitativos que geram uma sintaxe simples, uma morfologia breve e uma prosódia monótona. Estas limitações, por efeito de compensação, obrigaram aqueles escritores a utilizar uma profusão de figuras e uma riqueza de imagens, principalmente para descrever a natureza e exprimir sentimentos religiosos.

A poesia hebráica, como uma pintura e uma música simultâneas, é feita de imagens e de sons.

O poeta hebreu não podia se afastar de uma terminologia tradicional, determinada pelo assunto. Isto explica o caráter arcaizante de muitas composições e os numerosos paralelos com antigas literaturas não bíblicas, principalmente a ugarítica. Por outro lado, o uso frequente de quiasmas, anáforas e clímaxes dá um colorido especial à exposição das idéias.

A poesia hebréia não conhecia a rima e a medida do verso era a quantidade prosódica. Mas o que distingue especificamente sua arte poética e lhe dá uma fisionomia própria diferenciando-a das literaturas ocidentais, é o paralelismo.

Divulgado a partir de 1753 pelo professor de Oxford, Richard Lowth, o paralelismo é o traço mais característico da poesia hebráica e sua descoberta trouxe nova luz para uma mais profunda compreensão dos textos bíblicos escritos em verso. É uma espécie de “rima do pensamento”, não mera justaposição de sinônimos, mas simetria de idéias associadas artisticamente por semelhança, contraste e contiguidade.

F. Vigouroux, profundo estudioso do assunto, comparou o paralelismo hebráico ao movimento de um balanceio que vai e vem sobre si mesmo, sendo que o segundo verso é como um

eco do primeiro, o quarto do terceiro, e assim sucessivamente. O ricochete simétrico das idéias ordenadas provoca o desenvolvimento do pensamento em forma rítmica e faz nascer o escandir dos versos do balanço harmonioso da estruturação e do argumento, de tal maneira que a forma corresponda ao conteúdo. Este artificioso mecanismo favorece a memória, ajuda a reflexão e auxilia o canto.

Exemplo típico do paralelismo na poesia de José Albano encontramos nos “Four Sonnets”, e sua tradução anexa em prosa portuguesa, que são verdadeiros salmos penitenciais. O conteúdo assemelha-se aos gemidos de Davi no Salmo 38. Há um balanço de vaivém entre a tristeza e a alegria, o dia e a noite, a esperança e o desespero, entre o prazer que não tem começo e a dor que não tem fim. Um soneto corresponde ao outro, em perfeito paralelismo, onde não se encontra um só verso isolado. Uma obra-prima de poesia pura.

Para o leitor brasileiro, na tradução em prosa é mais sensível a rima de pensamentos, o balanço das emoções e a simetria das idéias. A composição em inglês parece revelar a queixa oculta de um exilado que não encontrando a compreensão dos seus, a busca em vão da parte dos estranhos.

O mesmo tema aparece em “Redondilhas”, nas glosas dos Motes I e II de Camões, um outro exilado, que parafraseou o Salmo 136. Da extensa paráfrase camoniana, José Albano faz glosa aos versos de 1 a 5 e de 91 a 95, que são, respectivamente, o Mote II: “Sôbolos rios que vão”... e o Mote I: “Um gosto que hoje se alcança”...

“Voa do meu peito um ai  
Como ninguém suspirou;  
Saudoso deitado estou  
Na água que passando vai,  
Choro que nunca passou.  
E penso naquele bem  
Que já tive em minha mão  
É triste recordação  
De alegres memórias vêm  
Sôbolos rios que vão”.

.....

“Para chegar a um estado  
Contente, mas fugidio,  
É preciso ter chorado,  
Sofrendo pena e cuidado,  
Tristes lágrimas em fio.  
E poucas vezes a sorte  
Se torna suave e mansa;  
Tortura-nos dor tão forte,  
Até que lhe a vida corte  
Um gosto que hoje se alcança”.

Como um hebreu no exílio da Babilônia, José Albano se sente peregrino neste vale de lágrimas com uma única esperança de que o fim da caminhada seja a pátria do eterno amor:

“E eu ponho todo o querer  
Onde os olhos quero pôr,  
Quando enfim chegado for  
O dia em que eu possa ver  
A pátria do eterno Amor.  
E no Céu, longe daqui,  
Sujeito à divina lei,  
Da vida me esquecerei,  
De quanto nela sofri  
E quanto nela passei”.

Todas as demais “Redondilhas” são mensagens de inspiração bíblica, propositadamente escritas com a técnica do paralelismo hebraico, no desejo da autenticidade de fazer brotar, no conteúdo e na forma um poema digno de traduzir a fonte original das Sagradas Escrituras.

Esse esforço de autenticidade culminou na composição da paráfrase ao “Cântico dos Cânticos de Salomão”.

“Levanta-te, ó minha amada,  
Flor suave e não severa,  
em, que a chuva é já passada,  
Vem, que chega a primavera”.

É o convite ao idílio místico, feito pelo esposo (Javé) à sua esposa (Povo de Israel), celebrado na canção da primavera. (Cant. 2,10 - 14).

José Albano simplificou o drama bíblico, em que há várias personagens: a Sulamita, o pastor seu esposo, o rei Salomão, as filhas de Jerusalém) em um poema dialogado que, sob a figura convencional do amor recíproco de dois esposos, simboliza o amor de Cristo (esposo) por sua Igreja (esposa).

O livro bíblico do “Cântico dos Cânticos” sempre foi uma fonte inesgotável de emoção estética e de lirismo para inspiração de poetas e místicos de todos os tempos. Realmente, a poesia pura, poucas vezes na terra, subiu a tão elevadas alturas como nessa obra-prima atribuída a Salomão. Perene encantamento dos santos e poetas, a exaltação do amor, que aí transparece, transcende o caráter meramente profano para atingir figurativamente a beatitude do relacionamnto amoroso do Criador com sua criatura, do Cristo com sua Igreja.

### **Comédia Angélica**

O poema mais denso de José Albano é a “Comédia Angélica”. Composto na forma clássica da comédia grega antiga, nele distinguem-se um majestoso prólogo, que é a “Loa” preparatória, e o poema propriamente dito, em que são visíveis os momentos da parábase, com o contraste de pirremas e antepirremas, quando os coreutas angélicos chamam o leitor para a realidade da vida mística e para a certeza do triunfo dos anjos bons, mensageiros de Deus, sobre os anjos rebeldes, seguidores de Lúcifer. O Bem triunfa sobre o Mal, é o tema sempre presente.

Dante Alighieri compôs a “Divina Comédia” a partir de uma visão estranha, que lhe iluminou o gênio poético, durante as cerimônias litúrgicas da Semana Santa do ano de 1300, a que assistiu piedosamente em Florença. José Albano compôs a “Comédia Angélica” a partir de uma visão mística, que lhe iluminou a fé, durante os festejos do Natal do ano de 1916, a que assistiu devotamente em Lourdes.

Guiado por Virgílio, o poeta florentino chega ao mundo do Além, onde, após atravessar os nove círculos do Inferno, pôde alcançar a montanha do Purgatório, para no final encontrar Beatriz que o conduz à porta do Paraíso. Inspirado por Dante, o poeta cearense chega ao Paraíso, onde após atravessar os três círculos das virtudes teológicas, pôde alcançar o trono dos Anjos, para no final encontrar Maria que o conduz à glória de Adonai.

A “Comédia Angélica” pretende continuar a “Divina Comédia”, como a “Alegoria” pretende continuar “Os Lusíadas”.

Como o divino poema de Dante, o poema angélico de José Albano é chamado de comédia, na acepção medieval do termo, para significar um enredo que chega a um final feliz, em oposição à tragédia, cujo final é sinistro.

O homem, (Adão e Eva) diante da liberdade de opção entre o bem e o mal, sente-se incapaz de tomar a decisão final e se entrega, pela Fé, à Graça de Deus que lhe sustenta a Esperança de manter acesa a chama do amor até a pura contemplação do mistério da Caridade de Deus. Adão, o homem velho, se transforma pelo exemplo de Jesus, e Eva, pecadora, se recompõe na figura imaculada de Maria.

A “Comédia Angélica” é um auto sacramental, um drama triunfal de um peregrino que se faz mensageiro da Boa-Nova da libertação humana, sentida pela fé no cenário espiritual da Gruta de Lourdes.

Os episódios das cenas dialogadas e os interlúdios corais dão ao poema um ritmo de balanço sincronizado, como se os personagens, no palco da vida, fossem para a direita e para a esquerda, entre estrofes e antístrofes, para finalmente chegar ao centro cantando o epodo da glorificação divina:

“Hosana, hosana, hosana lá na altura,  
Desde a manhã serena à noite escura.  
Glória, glória a Adonai onipotente,  
Glória a Adonai agora e eternamente.”

A chave do paralelismo está na totalidade do poema. O argumento começa no Paraíso, não perdido pois nunca lá es-

tivemos, mas por achar, pois lá um dia estaremos. Descrever o Paraíso não indica regressão ao passado, mas apelo à peregrinação e reprodução de nossas origens, realidade sempre antiga e sempre nova. A aparição de Gabriel à Maria contrapõe-se à aparição de Lúcifer a Eva. Ao nascimento de Jesus no presépio, em quem Deus se torna visível aos homens, corresponde a aparição de Maria em Lourdes, onde a fé se robustece e pode suplantar a força da razão.

Apesar de todos os pesares, por causa da Redenção de Jesus e do materno amor de Maria, a vida humana não é uma tragédia, mas uma comédia angélica.

### **Canção a Camões**

José Albano foi um apaixonado de Camões, porque viu nele a perfeição do poeta: Chamava-o de “mestre amado meu” e parece até que o inseparável monóculo sobre o olho direito era uma homenagem ao olho cego de Camões.

De índole extremadamente perfeccionista, não aceitava mediocridades. Camões, como lírico ou épico, pareceu-lhe modelo rematado, e por isso envolveu-se na sua obra. O que dele aprendeu e assimilou considerou uma dádiva inestimável e sentiu a dívida que lhe deveria pagar por gratidão. E para satisfazer o débito, escreveu “Canção a Camões” e “Triunfo”. Ambos são poemas de exaltação ao modelo de sua admiração. O primeiro é uma louvação ao gênio e o segundo, um epinício à Musa inspiradora do poeta.

“Canção a Camões” é um poema heróico, estruturado tal qual a canção “Formosa e gentil dama” do autor dos “Lusíadas”. Compõe-se de seis estrofes de treze versos e uma de sete. Em cada estrofe há dez versos heróicos (decassílabos) alternados com três heróicos quebrados (hexassílabos), sendo que a maioria daqueles tem acento na 6ª e 10ª sílaba e alguns sáficos, com acento na 4ª, 8ª e 10ª”. Dentro das regras clássicas da metrificacão portuguesa, o poema é perfeito, digno do herói destinatário. Somente um poema camoniano será digno de homenagear a Camões. Foi o que Albano procurou fazer.

“Triunfo” é uma elegia em que o poeta lamenta não ter recebido toda a inspiração da musa de Camões, como desejaria, mas se consola com a promessa que dela recebe de que, no futuro, o Parnaso seja em seu favor”.

O poema compõe-se de 41 tercetos e um quarteto final. A estruturação é a mesma das elegias de Camões: decassílabos heróicos, alternados com sáficos.

Depois do prólogo de 11 tercetos, em que é descrito o ambiente paradisíaco onde reside a formosa “musa que ainda acende o meu desejo”, começa o comovente diálogo entre o poeta que apresenta seus lamentos (tercetos 12 a 24) e a musa que expõe suas promessas de auxílio (tercetos 29 a 40). No final, entusiasmado pela certeza do cumprimento do voto, José Albano canta o triunfo:

“Assim falou e a flama em que me acendo  
Dentro do coração ia aumentando  
Enquanto a doce voz ia gemendo.

E ela, que de Cupido segue o mando,  
Colheu no bosque os ramos duradouros  
E com um sorriso milagroso e brando  
Me coroou de mirtos e de louros”.

Braga Montenegro, na apresentação que fez do poeta para a coleção “Nossos Clássicos” da Editora Agir, aceita as três fases da evolução de José Albano indicadas por Antônio Sales: lirismo passional, erudição clássica e êxtase místico, mas acha necessário acrescentar uma quarta, a “de exaltação pagã”, representada por “Triunfo”. A sugestão é sem sentido, pois sendo “pagão” um qualificativo religioso, não cabe no argumento do poema.

Exaltar Camões e sua musa, é também enaltecer a língua “dulcíssima e canora” que lhes serviu de mediação para transmitir a inspiração poética. “Ode à Língua Portuguesa” é uma obra-prima de composição lírica, em que “o verso de Albano atinge uma beleza rítmica poucas vezes alcançada entre poetas brasileiros.”

## Alegoria

Os olhos extremamente perfeccionistas de Albano e sua delicada sensibilidade de exilado descobriram uma omissão nos “Lusíadas”: não tratar da descoberta do Brasil, “a pátria da perpétua primavera” e, para os lusos navegadores, “de eterna glória o prêmio imorredouro”.

Para preencher essa lacuna, o poeta cearense audaciosamente se lançou ao trabalho de compor “Alegoria”, que Agripino Grieco chamou de o “último canto dos “Lusíadas”.

O canto compõe-se de 77 estrofes de 8 versos. Os decassílabos, heróicos e sáficos, são tais quais encontrados na epopeia de Camões.

O poema começa com o propósito de seguir o estilo épico, invocando a musa camoniana em seu auxílio, para que possa acrescentar o que faltou à “cítara eminente” do seu mestre:

“Ó Musa de Camões, tu que venceste  
O difícil caminho árduo e penoso,  
De novo o teu poder se manifeste,  
Pois sem auxílio a voz erguer não ousou;  
Dá-me a imortal inspiração celeste  
E o verso mais sublime e sonoro,  
Para que este meu canto se acrescente  
À desta tua cítara eminente.”

Em seguida, vem a descrição do feito heróico de Cabral que, em sonho recebe ordem do concílio dos deuses do Olímpo, após a disputa entre Poseidon e Vênus, para desviar a rota da esquadra e propiciar a descoberta do Brasil.

A descrição da terra prometida, na boca de Hermes é sublime:

“Vai pelo mar azul à verde terra  
Tão fértil, tão fecunda e tão formosa,  
Em cujo seio a natureza encerra  
Tudo que o coração deseja e goza;  
Em cujo bosque, vale, prado e serra  
Corre um perfume de açucena e rosa,  
Em cujas grutas frescas e quietas  
Hão de morar as musas e os poetas.”



As divindades inspiradoras transportam-se para as novas plagas, pátria da primavera que “puro contentamento está sentindo, porque, na língua lusitana sabe, não deixará que a Poesia acabe.”

Feliz pelo êxito da façanha, o poeta, no final, despede-se da musa prometendo-lhe erguer um templo eterno:

“E porque Apolo e as musas amorosas  
Tenham sempre na terra uma morada,  
Sobre colunas dóricas levanto  
Um novo Partenón eterno e santo”.

### **Doxologia**

A obra poética de José Albano, apesar de fragmentária, é um monumento coeso de poesia pura e autêntico misticismo. Em tudo, domina o ideal de perfeição.

Todos os poemas, sem exceção, são ofertados ao Deus Perfeito, em humilde homenagem de fé. O poeta cearense escreve sempre em clima de oração, como revela o sugestivo “Laus Deo”, espécie de ponto final litúrgico e piedosa doxologia, com que encerra os trabalhos de composição.

A fé de José Albano não se expressa em oração de parcelas, mas em um louvor de totalidade.

Realmente, quem sempre aspirou atingir a poesia pura e a mística suprema, não poderia cantar, nem viver, senão na dimensão de totalidade.

---